

FALHAS DE ARGUMENTAÇÃO: você acha ou tem certeza?

ARGUMENTATION FAILURES: do you think or are you sure?

Rafaéli Luíze Engeroff Heck¹
Marguit Carmem Goldmeyer²

Resumo: O desenvolvimento da vida social implicou diretamente na expansão do uso das formas verbais de comunicação e, por isso, foi necessário compreender o próprio funcionamento e alcance da linguagem. Diversos teóricos determinam a linguagem como elemento de constituição dos sentidos e da realidade, não apenas como instrumento de nomeação. Dissuadir ou persuadir através do arranjo dos diversos recursos oferecidos pela língua é, numa formulação simples, a marca fundamental da capacidade argumentativa dos seres humanos. Para evidenciar esses efeitos pragmáticos da linguagem, o artigo em questão busca analisar as falhas de argumentação presentes na construção de argumentos dos estudantes de Letras do Instituto Ivoti. Durante dez semanas foram apresentados textos de diferentes gêneros e temáticas. Cada texto possuía uma pergunta norteadora que era analisada e dialogada através da prática do letramento argumentativo. Apesar da progressão e melhora dos argumentos apresentados durante esses momentos de reflexão, diversos defeitos de argumentação podem ser mencionados, uma vez que eles estão fortemente interligados a questões culturais, bem como, linguísticas dos falantes. A presença constante do verbo “achar” com o significado de acreditar foi notoriamente perceptível nas afirmações feitas, apesar dos falantes conhecerem sinônimos apropriados. Ademais, a redundância e a ambiguidade permearam os letramentos argumentativos, pois demonstramos dificuldade em compreender as colocações dos demais integrantes.

Palavras-chave: Argumentação. Linguagem. Significados.

Abstract: The development of social life implied directly in the expansion of the use of verbal forms of communication and, therefore, it was necessary to understand the very functioning and reach of language. Several theorists determine language as an element of constitution of meanings and reality, not just as an instrument of nomination. To dissuade or to persuade through the arrangement of the diverse resources offered by the language is, in a simple formulation, the fundamental mark of the human beings' argumentative capacity. In order to highlight these pragmatic effects of language, the article in question seeks to analyze the flaws in the arguments present in the construction of arguments by students of Letters at the Ivoti Institute. For ten weeks, texts of different genres and themes were presented. Each

¹ Rafaéli Luíze Engeroff Heck, estudante de Letras Português e Alemão do Instituto Ivoti.
E-mail: rafaeli.heck@gmail.com

² Marguit Carmem Goldmeyer, graduada em Letras - Português/Alemão pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1985), mestra em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2003) e doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2008), na Área de Concentração Religião e Educação.
E-mail: marguit.goldmeyer@institutoivoti.com.br

text had a guiding question that was analyzed and discussed through the practice of argumentative literacy. Despite the progression and improvement of the arguments presented during these moments of reflection, several defects of argument can be mentioned, since they are strongly linked to cultural as well as linguistic issues of the speakers. The constant presence of the verb "to guess" with the meaning of believing was notoriously noticeable in the statements made, despite the speakers' knowledge of appropriate synonyms. In addition, redundancy and ambiguity permeated the argumentative literacies, as we demonstrated difficulty in understanding the positions of the other members..

Keywords: Argumentation. Language. Meanings.

Zusammenfassung: Die Entwicklung des Lebens in der Gesellschaft erforderte die Ausweitung der Verwendung von verbalen Kommunikationsformen, und daher war es notwendig, das Ordnungsgemäße und den Umfang der Sprache zu verstehen. Aus einem Instrument zur Benennung von Dingen ist die Sprache als Element der Konstitution der Sinne und der Realität hervorgegangen. Das Ausreden oder Überzeugen durch die Anordnung der verschiedenen Ressourcen, die die Sprache bietet, ist in einer sehr einfachen Formulierung das grundlegende Merkmal der Argumentationsfähigkeit der Menschen. Um diese pragmatischen Auswirkungen der Sprache hervorzuheben, versucht der betreffende Artikel, die Argumentationsfehler zu analysieren, die bei der Argumentationskonstruktion der Studenten der Instituto Ivoti auftreten. Während zehn Wochen wurden Texte verschiedener Genres und Themen vorgestellt. Jeder Text hatte eine Leitfrage, die durch die Praxis der "Letramento argumentativo" analysiert und diskutiert wurde. Trotz des Fortschreitens und der Verbesserung der Argumente, die in diesen Augenblicken der Reflexion vorgebracht werden, können einige Argumentationsfehler erwähnt werden, da sie in engem Zusammenhang mit den kulturellen und sprachlichen Problemen der Redner stehen. Die ständige Präsenz des Verbs "finden" mit der Bedeutung des Glaubens machte sich in den Aussagen bemerkbar, obwohl die Sprecher entsprechende Synonyme kennen. Redundanz und Mehrdeutigkeit durchdrangen die argumentativen Kompetenzen, da wir Schwierigkeiten hatten, die Positionen anderer Mitglieder zu verstehen.

Schlüsselwörter: Argumentation. Sprache. Bedeutung.

1 INTRODUÇÃO

A oralidade costuma não estar incorporada no ambiente escolar, mesmo considerando que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) priorizam a argumentação e a participação ativa dos docentes. Apesar da existência de inúmeros gêneros discursivos que envolvem práticas orais, eles continuam sendo abordados como informais e menos importantes que os gêneros escritos.

No que diz respeito à argumentação, também a prática que envolve o trabalho com um mesmo gênero argumentativo no contexto escolar tem reduzido as possibilidades de exercício da cidadania, visto que a argumentação remete ao repertório cultural, histórico e ético do locutor, bem como considera a pluralidade de gêneros existentes e as respectivas situações comunicativas.

Diante disso, ao pensar em um trabalho que contribua com a inserção dessas questões em sala de aula, realizamos uma prática de letramento argumentativo nas aulas de Laboratório de Ensino de

Língua Portuguesa durante onze semanas, visando a uma reflexão sobre a importância da argumentação no ambiente escolar, como habilidade que precisa ser desenvolvida com os discentes. Devido a isso, a Base Nacional Comum Curricular elenca como sétima competência geral:

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BRASIL, 2017, p 21).

Essa competência abrange habilidades específicas voltadas à capacidade linguística e comunicativa, bem como de síntese e organização dos conhecimentos e reflexões. Consoante Magalhães (2014), a melhor tradução que entregamos ao outro acontece através da linguagem. Assim sendo, o artigo em questão analisa e discute as falhas de argumentação que causam divergências entre a mensagem que o locutor quis emitir e a mensagem que foi recebida pelos ouvintes. A argumentação é essencial no ambiente escolar e depende de distintos fatores que devem ser trabalhados e aprimorados.

2 FALHAS RECORRENTES NO PROCESSO ARGUMENTATIVO

Ao nos comunicarmos, tendemos a cometer alguns erros ao estruturarmos nosso argumento. Muitas vezes, esse processo é inconsciente e pode estar associado, inclusive, a fatores sociais e culturais.

2.1 Pronome “nós” como plural de modestia

A utilização do pronome “nós” em detrimento ao da primeira pessoa do singular, remete aos antigos reis de Portugal, que buscavam aproximação da população, através da escolha dos elementos discursivos. Esse aspecto linguístico se faz presente no discurso de alguns escritores, oradores e políticos, cujo intuito é evitar marcas de individualismo, bem como induzir os ouvintes, para que compartilhem das ideias por eles proferidas.

Ao nos opormos a um argumento, realizamos inconscientemente a escolha do pronome “nós” e não “eu” ou “vocês”, pois, ao nos incluirmos no grupo que está recebendo a mensagem, temos a generalização do nosso posicionamento e maior aceitação dos demais. Ademais, podem-se elencar aspectos culturais e sociais da população brasileira, uma vez que a imparcialidade e amplitude do nosso argumento não infere em conflitos ou discussões.

2.2 Verbo “achar” e sinônimos

Dentre os elementos comunicativos que permitem um afastamento parcial do locutor do seu próprio argumento, encontra-se o verbo achar. Ao dizer “eu acho”, informo aos meus ouvintes que compreendo e considero o pensamento contrário, apesar de possuir uma opinião distinta.

Dessa forma, aqueles que não concordam com o que está sendo exposto não se sentem confrontados. Todavia, o emprego do verbo em questão também apresenta a característica de diminuir a seriedade e qualidade em nível linguístico do argumento que está sendo construído.

2.3 Problemas de coesão

A qualidade do argumento depende de uma série de fatores que devem ser combinados, para que haja coesão e coerência ao que será exposto.

2.3.1 Ambiguidades

A duplicidade de sentidos que algumas palavras podem apresentar, quando não empregadas corretamente e contextualizadas, podem diminuir a qualidade do argumento apresentado. Palavras como: democracia, equidade e igualdade, justiça e discriminação geraram conflitos, uma vez que os participantes as utilizavam sem ter o real conhecimento do significado. Houve, muitas vezes, uma preocupação maior com as expressões em detrimento das ideias e análise crítica.

2.3.2 Afirmações genéricas

Na elaboração de um argumento é necessário que o locutor use o raciocínio, a razão e a lógica para estabelecer correlações entre as partes do argumento, apontando as causas e os efeitos das afirmações que produz. Esse recurso argumentativo justifica e reforça teses criadas acerca de um determinado assunto, uma vez que citações de outros textos, exemplos e inclusive vivências pessoais garantem o embasamento necessário para demonstrar a veracidade do que está sendo discutido.

O argumento de autoridade apresenta essas características, mas poucas vezes os locutores apresentam conhecimentos suficientes para estabelecer uma relação com outros textos ou autores, constituindo um argumento genérico e inconsistente.

2.3.3 Uso impróprio de termos

Na língua portuguesa existem palavras com uma extensão de significados muito ampla. Não sendo palavras de sentido especializado, ocorrem nos mais variados contextos, cobrindo noções díspares e até contraditórias. Caso uma palavra seja indevidamente empregada, essa pode vir a prejudicar o esquema de argumentação, pois refutará o próprio argumento.

Dentre as palavras pertencentes a esse tipo de repertório: liberdade, justiça, igualdade, alienação, idealismo, democracia, etc., convém ressaltar que pessoas das mais divergentes ideologias acabam utilizando-as, sem conhecer uma definição e o sentido exato delas. Essas palavras são constantemente utilizadas para apoiar afirmações com argumentos de cunho moralizante, repetindo, sem elaboração própria e sem critério, expressões do senso comum destituídas de qualquer consistência.

Muitas vezes um bom princípio acaba sendo desvalorizado pela falta de vocábulos adequados e moralmente aceitos. Ou seja, pensar por fórmulas prontas deveria denunciar a falta de espírito crítico e de competência para elaborar um raciocínio próprio, porém a generalização e uso de termos carregados de um sentido positivo são mais bem aceitos pelos integrantes de um letramento argumentativo.

2.3.4 Redundância

A redundância consiste na repetição de ideias que acabam empobrecendo o discurso e a elaboração de um argumento. Esse vício de linguagem remete à falta de atenção durante o processo comunicativo, bem como à falta de empatia e conhecimento de determinados vocábulos empregados.

Durante os letramentos argumentativos, houve uma progressão em relação

à diminuição de redundâncias, pois, apesar dos participantes possuírem a mesma percepção, buscavam aprofundar o assunto através do uso de exemplos, não apenas retomando o que já havia sido dito.

2.4 Organização do discurso

Diferentes gêneros textuais escritos foram inicialmente utilizados no letramento argumentativo, como método introdutório de cada conversa coletiva em classe. Para que a progressão necessária pudesse ser estabelecida, ou seja, o diálogo, cada participante construiu seu argumento através de competências linguísticas como: realizar uma representação do contexto social, estruturar coerentemente o argumento e escolher unidades linguísticas apropriadas. Consoante Brasil (2017, p.8) uma competência é definida como: “[...] a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”.

2.4.1 Representação do contexto social

Dentre as quatro áreas de Línguas descritas na Base Nacional Comum Curricular, há uma especificação a respeito da Língua Portuguesa, sendo o objetivo norteador

[...] garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para a participação social e o exercício da cidadania, pois é por meio da língua que o ser humano pensa, comunica-se, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo e produz conhecimento. (BRASIL, 2017, p.63)

Assim sendo, para a eficácia de um diálogo argumentativo é necessário reconstruir a questão e o assunto que desencadearam o debate, bem como expor ideias em situações próximas da vida cotidiana, para que uma situação polêmica possa ser analisada e averiguada sob diferentes perspectivas, sem antecipar respostas ou determinar verdades absolutas.

2.4.2 Estruturação discursiva do texto

O letramento argumentativo depende da capacidade de estruturação do discurso, pois é preciso que os integrantes produzam uma conclusão coerente com os argumentos precedentes, hierarquizando uma sequência de argumentos em função de uma situação. Além disso, foi necessário delimitar muitas vezes o objeto da discussão, pois outros assuntos passavam a ser discutidos. Foi possível denotar que esses desvios da linha condutora do discurso aconteceram nos primeiros momentos de debates. Com o decorrer da prática, os contra-argumentos foram mais bem aceitos pelo grupo, pois os argumentos eram articulados entre si e cada indivíduo selecionava corretamente as estratégias argumentativas. Trata-se, portanto, de um processo que deve ser trabalhado e aprimorado com os estudantes.

2.4.3 Escolha de unidades linguísticas

A consistência de um argumento está fortemente vinculada ao reconhecimento de expressões de responsabilização enunciativa em uma opinião a favor ou contra. Devido a isso, é de grande relevância distinguir organizadores que marcam argumentos dos que marcam conclusão, utilizar verbos de opinião, introduzir uma experiência pessoal, utilizar organizadores argumentativos marcando refutação, concessão e oposição e identificar o papel argumentativo de certos conectores.

Entretanto, no discurso esses organizadores costumam não ser utilizados com tanta frequência, o que causa muitas vezes uma má compreensão do que o outro quis dizer. Algumas vezes, nós nos opomos apesar da ideia central ser a mesma. Ou seja, não se trata apenas de empatia, mas sim do uso inadequado de elementos que facilitam o discurso.

3 A ESCOLA COMO LUGAR DE COMUNICAÇÃO

A prática da oralidade faz parte do cotidiano dos alunos, todavia o emprego dessa modalidade como forma de análise, avaliação ou aprendizado não se constitui como prática regular, devido a todos os estigmas que a oralidade, como modalidade do uso da língua, carrega, tendo em vista que esse modo de produção textual se coloca, muitas vezes, equivocadamente, conforme Marcuschi (2004, p.28), em uma relação dicotômica, com a modalidade escrita, atribuindo-se, assim, à fala “lugar do erro e dos caos”.

Por isso, promover essa atividade, por intermédio dos mais variados gêneros orais, proporciona um ambiente mais próximo da realidade das situações comuns de interação e cria um espaço que favorece o conhecimento de um gênero oral, rompe com estigmas relacionados à fala, além da assimilação do conteúdo selecionado e da aprendizagem de mecanismos da fala.

Em seus estudos sobre oralidade e ensino, Costa-Hübes e Bueno (2015) encontram diversas incoerências nas propostas dos livros didáticos que, ao tentarem acompanhar os direcionamentos dos PCN sobre oralidade, não realizam um trabalho sistemático e continuam reproduzindo o mito da necessidade da linguagem-padrão. Por exemplo, em uma atividade com o gênero e-mail, em que a linguagem é naturalmente o oral, a linguagem-padrão continua sendo requisitada.

Essa ideia nos permite compreender a urgência de práticas que contemplem o uso da modalidade oral no contexto escolar. A partir dessas expectativas, é importante desmistificar as concepções enraizadas na tradição escolar, já que a finalidade do ensino de língua é a comunicação em suas variadas formas.

Isso não significa que o aluno irá aprender a fala na sala de aula, mas sim que deve utilizar consciente de que está empregando um gênero oral, assim como ocorre na escrita:

Nunca é demais lembrar que trabalhar a oralidade em sala não significa ensinar o aluno a falar, pois isso ele já sabe, e sabe bem. Trabalhar a oralidade também não é apenas abrir espaço para que o aluno ‘converse com o colega’ sobre um assunto qualquer (LIMA; BESERRA, 2012, p.66-67).

Diante dessa proposição, verificamos que a oralidade, apesar de já estar inserida, no cotidiano escolar, precisa ser também compreendida como objeto de ensino. Notamos, por meio de estudiosos da área, a importância de se trabalhar essa modalidade e também de refletir sobre as problemáticas que envolvem a sistematização da fala no contexto escolar. Assim, há necessidade de elencar e trabalhar os reais aspectos que levam a essa problemática e é evidente que isso ocorre devido a diversos fatores que vão desde a formação docente até a concepção de ensino de língua do próprio discente.

Dolz e Schneuwly (2004) explicam que, para que se coloque a comunicação oral como objeto de ensino, necessita-se explorar também as práticas comuns do cotidiano, além de levar o discente a compreender os aspectos envolvidos nessa interação. Diante disso, Dolz e Schneuwly (2004, p.147) mencionam que o papel da escola é possibilitar que os alunos ultrapassem “[...] as formas de produção oral cotidianas para confrontá-los com outras formas institucionais.” Em sua pesquisa, os autores defendem que comunicar-se

por meio da fala ou da escrita pode ser ensinado de modo sistemático por meio de sequências didáticas que exploram a diversidade dos gêneros. Esse modo já é evidenciado nos PCN que propõem a realização de atividades práticas orais.

4 METODOLOGIA

Para execução deste trabalho, optamos pela pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, já que pretendemos elaborar, aplicar e analisar uma sequência de atividades no campo educacional, de modo a proporcionar uma reflexão sobre a prática argumentativa por meio da modalidade oral. A escolha desse tipo de investigação está relacionada à solução de problemas práticos por meio do envolvimento da pesquisadora na elaboração e aplicação de um projeto em sala de aula.

Durante onze semanas, os argumentos dos vinte e um participantes da disciplina de Laboratório de Língua Portuguesa do Instituto Ivoti foram analisados, através da prática do letramento argumentativo. Não foi realizado um levantamento quantitativo dos aspectos discutidos neste trabalho, pois a análise envolve exemplos coletados que não apresentam uma relação direta entre si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma ampla, o ensino da língua continua sendo voltado a questões gramaticais, usufruindo pouco da oralidade dos alunos, suas interações e capacidades comunicativas. Eles são pouco instigados a formular argumentos, tampouco utilizam a língua como instrumento norteador de suas práticas coletivas.

O ensino da língua tem um papel humanizador e desempenha a conscientização e formação do indivíduo, que passa a ter mais compreensão das situações existenciais, do seu meio e do comporta-

mento em sociedade. Assim, a argumentação, por exemplo, ultrapassa as barreiras da fala e da escrita e atinge o meio da criatividade, da interpretação, do subtexto e da formação humana.

Por essas razões, julgamos fundamental que se integre a oralidade no ensino de língua materna para que seja desenvolvida essa prática, além de favorecer outras atividades da linguagem, entre elas, a crítica e a argumentação.

A prática do letramento argumentativo contribui para o aperfeiçoamento das competências necessárias para a elaboração de um argumento consistente e coeso, diminuindo gradualmente as falhas de argumentação recorrentes, como: redundância, ambiguidade, generalizações, uso inadequado de termos e vocábulos que diminuem a qualidade do discurso. O locutor deve perceber que o contexto comunicativo infere diretamente na forma de expressar-se, bem como deve saber lidar com oposições. – O diálogo contribui para a formação de cidadãos conscientes e reflexivos, processo dialógico diferente de debater e buscar uma verdade absoluta.

Pode-se perceber que houve uma progressão significativa dos envolvidos nessa pesquisa, uma vez que vocábulos mais apropriados passaram a ser empregados, mais participantes exprimiram sua opinião, termos como “acho” foram substituídos por sinônimos mais eficientes, opiniões contrárias foram realmente consideradas e refletidas.

Assim sendo, afirma-se que distintos gêneros orais devem ser trabalhados no ambiente escolar, pois refletem nas capacidades linguísticas e sociais dos docentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição; BUENO, Luzia. (org.) **Gêneros orais no ensino**. Campinas, SP: Companhia das Letras, 2015.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. 2. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

LIMA, Ana Lima; BESERRA, Normanda. Sala de aula: espaço também da fala. *In*: LEAL, Telma Ferraz; GOIS, Siane (org.). **A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MAGALHÃES, Roberto. **A arte da oratória: técnicas para falar bem em público**. São Paulo: Idea Editora, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2004.

Recebido em: 17/03/2020

Aceito em: 02/05/2020